Ano XIV — Lisboa, Agosto de 1958 — N.º 160

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A LEALDADE

Talvez fosse interessante proceder à eleição da mais típica virtude do verdadeiro carácter escoteiro, seleccionar aquela que melhor deva distinguir o jovem cavaleiro da lis. A lei do escoteiro constituiria, certamente, a principal fonte onde iríamos destacar as virtudes mais expressivas do Movimento. Convinha, depois, escolher uma que pudesse constituir a síntese de todas as outras e oferecesse o aspecto mais saliente de uma personalidade formada nos ideais inspirados por B.-P.

Se nos coubesse a nós esse estudo, parece que não teríamos muito que hesitar. Embora se tenha afirmado que o 10.º artigo da Lei é o resumo dos restantes nove, nós optaríamos pelo 2.º — O Escoteiro é leal. De facto, a lealdade é a virtude mestra de um carácter realmente escoteiro. Nenhuma, melhor do que esta, poderá sugerir uma mais perfeita síntese do ideal de B.-P. O homem leal terá de ser sincero, de uma só palavra; probo e honesto em todos os actos da vida, fiel para com os superiores e subordinados e respeitador de si próprio.

O falso, o dissimulador, o hipócrita, o manobrador habilidoso, não é leal, não pode ser escoteiro. Porque a lealdade exige que o indivíduo se apresente aprumado, de cabeça erguida, olhos nos olhos, falando sempre a verdade, sem subterfúgios, ainda mesmo que essa verdade vá em seu prejuízo. O homem leal terá de ser recto e justo para com o próprio inimigo. E se as vicissitudes da vida o forçarem a opor-se a um adversário mesmo pouco escrupuloso, ainda nessa circunstância terá de agir com lealdade, desprezando as armas da falsidade e da traição.

A lealdade não se compadece com a intriga, não suporta o jogo dúbio, não tolera a mentira. O escoteiro é leal porque é generoso e franco, verdadeiro e puro.

Baden-Powell estaria connosco nesta escolha. São dele estas palavras: *A lealdade era a característica que acima de tudo distinguia os cavaleiros. Estes eram sempre dedicadamente leais ao seu rei e à sua pátria, e estavam sempre prontos e desejosos de morrer em sua defesa. Assim também um discípulo dos cavaleiros* (o escoteiro) *deve ser leal a todos os que estão acima dele, sejam chefes ou patrões, e não os abandonar quer corra risco quer não, porque é do seu dever. Quem não quiser ser leal, se tiver uns restos de honra e de brio, demite-se do seu lugar.*

Deve ainda ser leal à família e aos amigos e apoiá-los tanto na adversidade como na prosperidade.

A Lealdade é afinal a virtude básica das relações humanas. Muitas das dificuldades que o homem actualmente suporta são a consequência directa da falta de lealdade, origem da desconfiança, da inimizade, da confusão social.

Fomentar a lealdade nas relações humanas é tarefa de elevado valor, a que nos devemos dedicar com entusiasmo. Possa o Escotismo formar jovens tipicamente leais, que tragam para a vida em comum o fermento precioso da confiança mútua e rasguem novos horizontes às relações entre os homens e entre os povos.

«SEMPRE PRONTO»

Comunicamos aos nossos estimados leitores que, por motivo de férias, não nos é possível publicar o jornal no próximo mês de Setembro. Em princípios de Outubro publicaremos um número duplo, onde esperamos inserir colaboração de muito interesse.

20 ANOS DE SERVIÇO

O NOSSO ADMINISTRADOR



Abrimos hoje uma excepção ao princípio de não fazer, nestas colunas, referências pessoais aos membros do Corpo Directivo do «Sempre Pronto». E fazêmo-lo porque se trata do nosso Administrador, que, normalmente, não opera na paginação do jornal e, portanto, ignora muito daquilo que aqui se insere. Ele nos desculpará a surpresa. Não podíamos, no entanto, deixar passar a data de 8 de Julho de 1958 sem registarmos que fez 20 anos que Capitolino Ferreira Macedo prestou o seu Compromisso de Honra como Escoteiro de Portugal. A comemoração foi assinalada com um chá que se realizou no Grupo 94, e nós queremos aqui consignar a nossa homenagem ao companheiro dedicado que tem servido o Escotismo e tem servido «Sempre Pronto» com um zelo inexcedível.

Desde a data do seu compromisso, Capitolino Macedo ocupou todos os escalões do Grupo 94. Foi subguia e guia da patrulha «Águia», guia de secção, escoteiro-chefe ajudante e escoteiro-chefe, cargo este que ainda ocupa.

«Sempre Pronto» fundou-se com a sua cooperação e desde logo ocupou o cargo de Administrador que até hoje desempenha com todo o entusiasmo e dedicação. São, de facto, 20 anos de serviço útil, desinteressado, activo. Por isso, os seus companheiros do «Sempre Pronto» o felicitam e o saúdam com amizade.

● ● ○ ● ●

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

NO CAMPO-ESCOLA "CAPPY"

DOS ESCOTEIROS UNIONISTAS DE FRANÇA

Um Grande Jogo em França

Entrei no campo, eram 6 horas da tarde, depois de cinco horas de caminhada após um exercício de exploração. Estava realmente cansado. Uma exploração no Cappy é verdadeiramente fatigante.

Só uma boa soneca me recomporia do cansaço.

No momento em que passava junto da Chefia, um dos instrutores apelou para que me despachasse. Francamente, pouco mais adiantei o passo, pois não notei grande necessidade de maior rapidez, mas como os franceses passam a vida a correr, julguei que fosse mania. Quando entrei na minha tenda os três companheiros africanos, dos quais eu era o guia, estavam atarefados a meter os utensílios de dormir nas mochilas. A desarrumação na tenda era total, pois os meus irmãos escoteiros africanos tinham pouco cuidado com a limpeza e com a higiene. Muito arreliado, perguntei: — Mas para que estão vocês a revolver a tenda?

— Vamos, Ribeiro, temos cinco minutos para nos apresentarmos defronte do palácio — respondeu um dos meus amigos no seu francês africanado.

Cinco minutos depois, com a minha mochila às costas, já estava no lugar marcado para a concentração.

Uma marcha de quinze quilómetros debaixo de chuva

Foi-me entregue um pão de dois quilos, uma carta topográfica do local, e uma carta de prego com as instruções. Tínhamos ordem de avançar quinze quilómetros em direcção de Este. Durante o percurso, foram-se juntando à minha equipa outras equipas que iam para a mesma localidade. Caminhámos até às oito e meia da noite. Já era escuro quando chegámos ao ponto indicado na carta. Esperámos que fosse transmitida uma mensagem de morse segundo estava indicado na carta de prego que foi entregue. Mas, nada. Os minutos passavam-se sem que qualquer mensagem fosse transmitida. Como já estávamos ali há perto de uma hora sem recebermos notícias, e como só tínhamos comido uma fatia de pão seco ao almoço, caso que se repetiria ao jantar, perguntei se queriam comer qualquer coisa. Houve absoluta concordância dos meus camaradas africanos e franceses.

Começámos a comer.

— Eh! uma mensagem, — gritou um dos meus companheiros.

Era na verdade uma mensagem, vinha metida num dos buracos do pão. Versava assim: «Mensagem de morse transmitida às onze horas da noite».

Não quis ouvir mais nada, tirei dois cobertores, embrulhei-me neles e dormi; quanto tempo não sei. Fui acordado pelos meus amigos, que estiveram mais de dez minutos para o conseguir. Seguimos viagem.

Uma chuva miúda caía. De mochila às costas e de cobertor sobre a cabeça, ia enfrentando aquela chuva tão irritante. Caminhava, caminhava porque tinha que caminhar. As minhas energias tinham-se perdido com o sono, e o meu único desejo era dormir. Era uma hora da noite quando parámos numa encruzilhada.

— É aqui que temos de esperar por novas ordens, — disse um dos outros guias.

Quinze minutos depois apareceu um dos instrutores que nos deu as suas informações.

— Bom! Venham comigo, — continuou o chefe-instrutor. Entranhámo-nos no bosque espesso e minutos depois chegámos a uma clareira.

— É aqui o quartel general — informou o instrutor.— Durante esta noite virão umas patrulhas inimigas assaltar o acampamento. Devemos ter o máximo cuidado, não fazer barulho, não acender luz e temos de dormir calçados.

Para mim, tanto fazia dormir calçado como descalço. O que queria era dormir. Mas infelizmente ainda não foi desta. Fui escalado para um posto telefónico a uns quinhentos metros de distância.

Uma grande «batalha» nocturna

Eram três horas da noite. Pressenti que as patrulhas inimigas tinham entrado nas cercanias do acampamento. Começou a lide do telefone.

— Atenção! Posto central! Atenção! Posto central! Daqui fala o posto n.º 2—Ribeiro. As patrulhas inimigas entraram neste momento na zona do acampamento.

Em resposta à minha informação, recebi uma pergunta bastante estranha:

— Tens medo?

— Medo?—interroguei — medo de quê?

— Olha, se te apanham vais preso e levas uma tareia. Tens medo ou não? — interrogou o instrutor do outro lado do fio.

— Não! — respondi — o que tenho é sono.

— Não durmas, Ribeiro, lembra-te que estás no ponto mais avançado e, para mais, só. Se te descobrem, temos o jogo perdido. Bom jogo! — Desejou ele, ao mesmo tempo que desligava o telefone.

Era uma noite escura, aquela do grande jogo, e o silêncio daquelas horas mortas só era interrompido pelo bater constante da chuva nas folhas das árvores. Mas a emoção para mim, agora, era grande. Todo aquele aparato fazia-me lembrar as narrações de um campo de guerra. Como o sono tinha passado, a emoção aumentou, julgando estar a viver uma maravilhosa aventura. Por três vezes, alguns elementos das patrulhas passaram pertíssimo de mim, mas, felizmente, não deram pela minha presença.

Às cinco horas, vieram substituir-me. Quando comecei a adormecer já a aurora despontava. Uma hora depois, as patrulhas «inimigas» entraram no nosso campo. Houve sinal de alarme acompanhado de grande barulho de «bombas de carnaval» a estoirar por todos os lados.

Grande confusão entre os africanos que tremiam quando uma dessas bombas rebentava junto deles.

Levantei os cobertores molhados e vi os meus companheiros engalfinhados numa luta sem tréguas.

Deixei cair os cobertores na disposição de continuar a dormir. Mas, num repente, levantei-me e agarrei-me ao primeiro francês que encontrei à minha frente, mas com tanto azar que era duma patrulha amiga. Mas o próximo era um francês, pouco mais baixo que eu, e tinha uma barba que vinha das patilhas ao queixo. Deitei-me a ele na disposição de me vingar da noite em claro, da fome e da chuva, que sempre me acompanharam durante todo o Cappy.

Não foi difícil deitá-lo ao chão. Pus-me em cima dele e, com os meus joelhos, prendi-lhe os movimentos. Não se podendo mexer o meu amigo não opôs grande resistência, mas fechou os olhos na disposição de descansar.

Num gesto de malvadez puxei-lhe pela exótica barbicha. Eh! rapazes, berrava por todos os lados. Um amigo dele tentou salvá-lo. Atirou-se em voo por cima de mim, mas, felizmente, não me tocou e foi cair do outro lado sem cumprir a sua tão «sangrenta» tentativa.

Houve então ordem de retirada. Mas as patrulhas «inimigas» tinham de levar um prisioneiro para poderem ganhar o jogo. E, logo por azar, pensaram no estrangeiro.

Caíram em cima de mim, pelo menos, uns cinco.

— Ah! Querem festa? — Gritei-lhes em português.

E comecei a defender-me com unhas e dentes de tal maneira que tiveram de desistir, pois outros vieram em meu socorro.

Era preciso «prender» um «inimigo»

Enfim! Tinha acabado o grande jogo, pois estava «molhado até aos ossos» e o corpo já estava também a sentir o cansaço.

O chefe-instrutor chamou os guias para uma reunião.

— Gostei da maneira como defenderam o campo — começou ele — mas o jogo ainda não acabou porque vocês não têm nenhum preso e eles também não. Por isso têm de os ir atacar no seu campo.

Arrumámos os sacos e lá fomos para o campo «inimigo».

A caminhada não foi grande, talvez uns trinta e cinco minutos. Ao chegarmos às cercanias do acampamento «inimigo», tirámos os nossos sacos alpinos e preparámo-nos para o assalto. Deram-me um pacote com um pó branco — talvez barita — que era para atirar aos adversários.

Nós entrámos no acampamento contrário deitando o nosso pó.

A minha patrulha foi a última a entrar. Veio direito a mim um preto bastante alto e forte. Quando se aproximou, enfiei-lhe o pacote de barita pela cabeça abaixo. Como ficou branquinho.

Acabada a «gracinha» do pó, e ainda mal refeito da risada, senti que uns braços possantes me agarravam e me levantavam. Não era mais que um boneco de palha. Tinha sido agarrado por três africanos que pareciam quase Colossos de Rodes. Tanto esperniei, tanto me mexi, que consegui fugir ajudado por dois dos meus companheiros.

O meu próximo «inimigo» era um francês. Fui direito a ele e deitei-o ao chão, depois duma pequena luta de corpo a corpo. Começou a gritar pelos óculos. Tirei-lhe os óculos encavalitei-me nele e gritei em português:

— Arre burro! — ao mesmo tempo que lhe dava umas palmadas, como se costuma fazer aos interessantes jericos.

Foi uma risota geral. Poucos minutos depois terminou o jogo do qual o meu grupo saiu vencedor. Finalmente regressámos ao campo. Era meio dia e meia hora!...

Quando estava a lavar-me, um grupo de africanos veio felicitar-me pelo meu jogo e perguntar de que região da França era eu.

— Não, meus, amigos eu não sou francês, sou português — respondi orgulhoso.

À noite, amigos e «inimigos», na mesma enfermaria, comungámos da mesma gripe asiática, que me agarrou à cama até ao final do Campo-Escola.

JOSÉ EDUARDO RIBEIRO

• • o • •

PUBLICAÇÕES

BRASIL

O número 6 da revista «Brasil», publicação do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Lisboa, que regularmente nos visita, foi inteiramente dedicado a Brasília, a nova capital da nação irmã. Através das suas páginas, podemos ter uma visão dos grandiosos planos da nova cidade, projectada para um esperançoso futuro.



VIAJAR

Ao regressar de Timor, onde estivera durante nove anos, ininterruptamente, Belchior foi assediado pelos numerosos amigos:

— Então, Belchior, conta-me as tuas impressões...

— Que tal aquilo?

— Tenho ouvido dizer que o clima de Timor não é mau.

A custo, Belchior ia respondendo às perguntas. Quando, finalmente, satisfez todas as curiosidades, observou:

— Mal sabem vocês o que mais me impressionou em Timor?

Uns, gracejando, observaram que, certamente, a paisagem. Outros, os combates de galos, divertimento bárbaro, mas usado, por singular contraste, em países da Europa. Ainda outros, lembravam que talvez as mulheres, delicadas e frágeis como miniaturas. Belchior esclareceu, porém:

— Vou contar-lhes o que mais me impressionou nessa tão distante Província do nosso Ultramar. Fui colocado no ponto mais oriental da ilha, numa localidade chamada Tutuala. No alto de uma montanha, erguia-se a residência da autoridade administrativa. Em frente, os nossos olhos mergulhavam na extenção azul do oceano, doirado pelo sol, e donde emergia um verdadeiro rosário de ilhas. Para trás da residência, montanhas cobertas de arvoredo e, na praia, os coqueiros abertos e flexuosos, oferecendo as palmas ao vento. Sobre nós, o céu diáfano e transparente.

— Homem, tornaste-te poeta.— gracejou Roberto.

— Quem o não é ao contemplar tanta beleza. Se lessem as poesias de Alberto Osório de Castro, juiz de direito com curiosidades de botânico, que não só estudou a flora de Timor como escolheu a *ilha verde e vermelha* para assunto dos seus primorosos versos... Mas oiçam. Como ia dizendo, no alto de uma montanha ficava a residência do chefe do posto, onde eu, então, habitava. Em frente erguia-se o mastro da bandeira. Aos domingos e dias feriados, desfilavam os moradores, curiosa tropa de segunda linha, com suas camisolas brancas, *lipas* (1) azuis e lenços vermelhos. O tambor tocava estrondosamente. Os *sipais* (2) do posto apresentavam armas, enquanto, lentamente, na haste, a bandeira subia, subia, beijadas pelo sol as cores verde e vermelha — por singular coincidência os tons da terra de Timor. Perfilado, eu fazia-lhe a continência regulamentar. E, ao ver, a tantos milhares de quilómetros da Mãe Pátria, ondular à brisa a nossa bandeira e ao lembrar-me de quantos sacrifícios, de quanto *sangue, suor e lágrimas* foram necessários dispender para a posse e conservação de Timor — extremo leste de Portugal — acreditem que os meus olhos se turvavam.

— Realmente. — observou Renato — Passados tantos séculos, conservarmos ainda os restos de um território que só por si constituía um Império, não obstante todos os revezes da fortuna, é um verdadeiro milagre da História...

— Sim. — retorquiu Belchior — E em Timor a população é tão ciosa da nacionalidade portuguesa e tão respeitadora dos seus símbolos que nem sequer se atreve a pisar a sombra da bandeira... Mas, vocês, que ainda não saíram das areias do Restelo, não podem calcular a emoção que toma o português, ao ver, no estrangeiro, algo que lhe faça recordar a Pátria. Na minha viagem de ida, passei por Capetown, a cidade do Cabo da Boa Esperança. Creiam que me impressionaram os monumentos, os arranha-céus, as meninas malaias que vendiam lindas flores, as mulheres que conduziam *taxis*, os esquilos que saltitavam nos parques. Mas o que mais falou à minha alma de português foi, ao chegar ao Museu de História Natural, edifício imponente de três andares e que tinha dezenas de salas, ter visto, à entrada, a reconstituição de um padrão de Bartolomeu Dias, com três legendas: em português, inglês e *afrikandet* — a língua da África do Sul — e, ao entrar na Biblioteca Nacional, outro grandioso edifício, contemplar um quadro de enormes proporções representando o descobrimento do Cabo das Tormentas pelo heróico navegador que, naquelas paragens, havia, depois, de ficar para sempre...

— De facto, deve impressionar-nos bem, o admirar tais recordações. — disse Adolfo.

— E que satisfação, que alegria, não é o encontrarmos, pelo mundo fora, portugueses, ver ondular ao vento as cores da nossa bandeira, que significam oito séculos de História, ouvir falar a língua em que se expressaram Camões e Camilo, Fernão Mendes Pinto e Herculano. Até, a propósito da língua, vou contar-lhes um episódio sucedido com um meu companheiro de viagem, chamado Cristóvão.

Ouvido com o maior interesse Bechior começou:

— Esse rapaz pouco sabia de inglês prático. Ao chegar à cidade do Cabo desejou adquirir papel de avião. Entrou numa papelaria, e, com os seus fracos conhecimentos da língua de Shakespeare, pediu o que necessitava. A caixeira não havia maneira de compreender a sua pronúncia. Cristóvão fazia gestos, tornava-se pálido. A senhora, com fleugma e correcção britânicas, sorriso nos lábios, procurava entendê-lo. E o incidente ameaçava eternizar-se, se o dono da papelaria não interviesse para dizer, no idioma de Camões, embora com certo sotaque: *Meu caro senhor, pode falar português*... Cristóvão ficou admiradíssimo. O homem justificou-se: *Sou português, natural da Ilha da Madeira. Estou aqui estabelecido há cerca de trinta anos. E calculei logo que o senhor era meu compatriota, visto saber que, há pouco, tinha chegado um barco da minha terra*. Então Cristóvão sorriu-se e exclamou: *Ainda bem que encontro aqui um patrício. Ora venha de lá um abraço*.

MANUEL FERREIRA

(1) Espécie de saias.
(2) Auxiliares da administração. Transportam o correio, policiam as áreas, etc.

Os Antigos Escoteiros da Dinamarca
Comemoraram o 25.º Aniversário da sua Fundação

A Fraternal dos Antigos Escoteiros da Dinamarca — a mais antiga —, de que fazem parte não só os antigos escoteiros, mas também guias, comemorou o 25.º aniversário da sua fundação, tendo promovido actos festivos em todo o país.

As comemorações foram encerradas com uma sessão solene realizada no «KB Hallen», em que participaram 6.000 membros, de todas as categorias sociais. A Rainha Ingrid é a Presidente Honorária da Fraternal.

Como a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal é membro — e fundador — da Organização Mundial dos Antigos Escoteiros e Guias, a bandeira nacional portuguesa esteve hasteada nessa memorável sessão.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

UM GUIA DE PATRULHA FALA SOBRE "O DESPORTO E O ESCOTISMO"

António da Encarnação Amêndoa é um escoteiro entusiasta, guia da Patrulha «Cão» do 94, constituída por elementos dedicados que estão conduzindo uma actividade interessante. Pois o Guia Amêndoa ouviu o apelo do «Sempre Pronto» e vem hoje aqui trazer o seu depoimento. Preferiríamos que ele nos falasse das patrulhas, mas também nos parece interessante que manifeste o seu interesse pela adopção de actividades desportivas no Escotismo. É um apelo que talvez mereça a pena escutar. Mas oiçamo-lo:

O Desporto e o Escotismo

Enquanto dormem no berço do esquecimento os problemas mais sérios da vida, todas as banalidades mundanas atingem o seu apogeu. Pois o problema da educação, no século em que vivemos, tem sido lamentàvelmente descuidado e carece de entreajuda. Nesta fase se encontra o escotismo.

Porque, como todos devem saber, o escotismo é uma escola de educação e de virtudes. É por esse motivo, que eu sinto presentemente o escotismo como fazendo parte da minha vida quotidiana. E não desejo que passe em vão qualquer oportunidade que me surja, pois só assim poderei pôr em prática os simples conhecimentos e ideias que possuo sobre o escotismo. Mas como o 8.º artigo da nossa lei nos diz que: «o escoteiro tem iniciativa e toma a responsabilidade dos seus actos», com o pensamento fixado neste artigo da nossa lei, vou exprimir em algumas palavras a ideia que possuo sobre o tema, «O DESPORTO E O ESCOTISMO», que tão simples é, mas tão discutido tem sido.

Conheceis já, certamente, que a palavra desporto significa: a prática de exercícios, que têm o fim de se conseguir vigor e agilidade. Considero portanto o escotismo, como sendo também um desporto, pois além da finalidade educativa que o desporto tem, o escotismo oferece-nos ainda mais oportunidades para desenvolver o raciocínio, alargar a mente, fortificar o físico, enobrecer a alma, por meio de jogos e boas acções e preparar-nos para uma vida superior, tornando-nos úteis à sociedade, à Pátria, a Deus e a nós mesmos. Mas, na minha opinião, no escotismo é necessário também que o desporto pròpriamente dito seja praticado, de forma a atrair os jovens a frequentar esta maravilhosa escola.

Pois existem provas desportivas como o Atletismo, Basquetebol, Voleibol, Natação, Ténis, etc., que são bastante úteis ao desenvolvimento do corpo do escoteiro, quer fisicamente quer moralmente.

Não quere contudo isto dizer que em alguns grupos, se não pratique o desporto. Mas realizando-se um intercâmbio pelos vários grupos do país, viria decerto dar mais entusiasmo e maior impulso à juventude portuguesa.

O GUIA

ANTÓNIO DA ENCARNAÇÃO AMÊNDOA

• • o • •

QUEM NÃO SABE... PERGUNTA

P. — Pode dizer-me quantos Jamboris já foram realizados em Inglaterra?—M. R. L.

R. — Três. Olympia em 1920. Arrowe Park em 1929. Sutton Park em 1957.

N. R. Procuraremos dar resposta a todas as perguntas que nos forem feitas pelos nossos leitores.

• o •

As Regras do Jogo

No penúltimo número, falámos aqui em jogos, matéria de grande interesse para as actividades escoteiras. Queremos continuar a versar este assunto, mas antes de prosseguir, parece-nos importante estabelecer um princípio fundamental de todos os jogos escoteiros. É que todo o jogo tem regras, que devem ser claras, precisas e rigorosas, re-

(Conclui na página 8)

Insígnias de Aptidão

COSMÓGRAFO

Insígnia: *Uma Estrela*

1) Demonstrar por meio de diagramas, desenhos ou modelos um bom conhecimento geral da natureza das estrelas e planetas e seus movimentos aparentes.

2) Identificar no firmamento: A Ursa Maior, a Ursa Menor, a Cassiopeia, Vega e Capela e qualquer planeta visível a olho nu na ocasião da prova.

3) Orientar-se pelas estrelas exceptuando a Estrela Polar.

4) Demonstrar um conhecimento geral da natureza, posições relativas e medidas do Sol, Terra, Lua e planetas. Explicar a causa dos eclipses.

5) Construir um relógio de sol.

ASTRÓNOMO

Para maiores de quinze anos

1) Conhecer as principais estrelas e constelações visíveis na sua latitude e saber como expressar tècnicamente a posição de qualquer estrela em particular a um dado tempo.

2) Saber dizer as horas pelas estrelas.

3) Saber o significado de Galaxia, estrelas múltiplas e nebulosas; conhecer a história típica de uma estrela.

4) Fazer um modelo simples astronómico para ilustrar alguma particularidade do sistema solar.

5) Discutir sobre os instrumentos usados num observatório e sobre os trabalhos que lá são feitos. Saber onde ficam os principais observatórios do mundo, suas vantagens naturais, trabalhos especiais realizados por qualquer deles e alguns pormenores sobre os seus telescópios.

• • o • •

PASSOU-SE HÁ MUITOS ANOS...

Já lá vão mais de 30 anos. Era guia da patrulha Lobo do 83, o primeiro grupo das Juntas de Freguesia, interessante iniciativa de Rui Santos.

Para os acampamentos semanais a Quinta da Musgueira, ao Lumiar, era ponto ideal e económico.

Determinado sábado, lá estava na Estrela, pronta a partir, a minha patrulha, tendo-se combinado que cada escoteiro, além do mais, para o almoço só levaria batatas.

Ao passarmos junto de determinado estabelecimento de mercearia, analisámos que ali se vendia um peixe chamado «pichelim», cujo preço era económico.

Comprámos, salvo erro, para os sete, 4 quilos. Chegados ao acampamento, já lá estavam os grupos 1, 2, 5, 7, 13 e 79, etc., que tinham por aquele parque simpatia.

Armado o acampamento, distribuídas as patrulhas de vigília nocturna, o meu maior interesse foi o de pôr resguardado das formigas o apetitoso pichelim, nunca até então saboreado.

No dia seguinte, alvorada rígida sob as ordens de José Rodrigues, provas de campo e... fazer almoço.

O nosso bom fogão de tripé, ufano por ser novidade, cozeu as batatas e o saboroso peixe, frágil como uma borboleta, que eu pensava ter a envergadura do nosso fiel bacalhau. Colocado ao mesmo tempo que os tubérculos, tinha desaparecido por completo. Só umas leves espinhas dançavam na fervura do caldeirão, ao fim de uma hora.

Minha mãe havia-me ensinado a fazer um prato de bacalhau, mas nunca de pichelim.

Os sete só comeram batatas, mas a lição... ficou para o futuro.

EUGÉNIO RIBEIRO NUNES

BOLETIM DA

FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

RUA DE S. PAULO, 254, 1.º — Telef. 21353 — LISBOA

JULHO/AGOSTO—1958

O EMBLEMA

«Ele é nosso e só nosso»—. Todo o Antigo Escoteiro deve usar, e com orgulho, o emblema da Fraternal. Isso será a prova de ter feito parte da grande família, que é o ESCOTISMO e ser ainda um homem que cumpre a Lei, que em rapaz jurou.

O nosso emblema é o símbolo, jamais esquecido, dos bons tempos de rapaz. Ele está na botoeira do mais ilustre como na do mais humilde, porque ambos foram escoteiros. Pois, por isso, temos o dever de nos tornar intransigentes contra o uso do nosso emblema por pessoas estranhas. «Ele é nosso e só nosso». O nosso emblema não é um elemento decorativo para a lapela de qualquer, é o emblema só daquele que «uma vez escoteiro, sempre escoteiro».

Não dê, não deixe usar o seu emblema, nem que seja a seus filhos, esposa, noiva ou irmã, porque «ele é nosso e só nosso».

MUSEU ESCOTISTA

Que tal acham, prezados companheiros, a ideia do Museu Escotista da Fraternal?

Dentro do nosso programa e por estar dentro, também, do espírito da nossa Fraternal, cabe, sem dúvida, mais esta iniciativa—«MUSEU ESCOTISTA»!

Parece-nos que não será difícil pô-la em prática, e dizemos... parece-nos... porque, para transportarmos à realidade todos os nossos sonhos, precisamos da imprescindível colaboração dos nossos companheiros. Quando se trata de trabalho, com colaboração ou sem ela, cá vamos dando o melhor do nosso esforço... sorrindo às dificuldades; Quando se trata de empreendimentos de ordem económica, onde a colaboração não chega, também puxamos os cordões à diminuta bolsa, embora com um sorriso menos aberto. Mas para realizações desta ordem não são as pequenas nem as grandes bolsas o fundamental

Fundamental é, sim e sempre, a contribuição dos escoteiros.

Como será constituído o «MUSEU ESCOTISTA» ? Certamente não será com a maioria dos preciosos objectos e documentos que caracterizam os museus; isso seriam aspirações demasiado pretensiosas, mas, mesmo de qualquer forma, o nosso MUSEU deverá caracterizar-se por peças de material escotista, tais como: varas trabalhadas, galhardetes, insígnias, distintivos, anilhas de lenço decoradas, emblemas de lapela nacionais e estrangeiros, condecorações, facas de mato, planos de acampamentos, documentos escotistas, fotografias e gravuras de motivos escotistas, e bem assim tudo que possa ter interesse para o nosso despretensioso MUSEU.

Pode o companheiro, que agora nos está lendo, pensar que em casa nada tem que nos possa interessar. Mas, se reflectir, começará certamente a recordar-se de que nesta ou naquela gaveta da escrivaninha... talvez numa das gavetas da cómoda... no armário da biblioteca... num caixote onde guardou vários objectos ou livros sem interesse imediato..., deve existir qualquer coisa que, aparentemente sem interesse, constituirá uma peça de colecção para o «MUSEU ESCOTISTA».

Pode acontecer que qualquer elemento que discriminamos constitua para si uma recordação de que não queira desfazer-se, mas deseje franqueá-la ao nosso MUSEU. Será, da mesma maneira, interessante e, dar-nos-á igualmente a sua contribuição.

Contamos que, depois de ler estas linhas, não deixe de corresponder ao nosso apelo ajudando-nos a tornar esta ideia um facto. Não tenha relutância, caro companheiro! tudo que fez parte do nosso equipamento escotista tem local próprio na exposição. J. D. S.

EMBLEMAS DE AUTOMÓVEL

Dispomos, para venda, de emblemas da Fraternal próprios para automóveis. Recomendamos aos nossos companheiros, proprietários de carros, que não deixem de usar o nosso distintivo.

RONDA DOS GRUPOS

Grupo N.º 85 (Escoteiros Marítimos)

Como foi anunciado no nosso anterior Boletim, levámos a efeito, no dia 2 de Julho passado, a visita a este Grupo de Escoteiros.

Estiveram presentes, representando a Direcção da Fraternal, os companheiros Eduardo Quintino Pinheiro e José Dionísio dos Santos, respectivamente vice-presidente e 1.º secretário, os quais foram acompanhados pelo companheiro António Xavier de Brito, 1.º secretário do Conselho Nacional.

Os visitantes foram recebidos pelo chefe do grupo, nosso companheiro Magalhães Ferraz, e pelos escoteiros daquela unidade, os quais se apresentaram em formatura.

Em primeiro lugar, os visitantes percorreram as instalações do Grupo, que lhes causaram a melhor impressão e são dignas de todos os elogios.

Seguiu-se uma singela cerimónia, durante a qual foi feita a entrega ao grupo 85 de um exemplar da obra «Escotismo para Rapazes». Para esse efeito, usou da palavra o vice-presidente de Fraternal, que saudou os elementos do «85», afirmando que sobre eles recai a grande responsabilidade de serem não só os únicos escoteiros marítimos de Lisboa, como de todo o Portugal, país de marinheiros famosos.

O companheiro Xavier de Brito também usou da palavra para saudar o grupo visitado e o seu chefe, historiando alguns factos dos primeiros tempos do escotismo neste país.

A encerrar esta cerimónia, falou o Chefe do Grupo, o qual agradeceu a visita dos elementos da Fraternal e referiu diversos projectos que pensa pôr em prática no seu grupo, projectos que desejamos ver um dia realizados.

A visita deixou uma boa impressão nos dirigentes da Fraternal, os quais fazem ardentes votos de prosperidades para o «85», a bem do Escotismo Nacional.

* * *

Comparência de antigos escoteiros a visitas a grupos

Tendo anunciado no último boletim a visita ao grupo 85, a Fraternal esperou que muitos antigos escoteiros, principalmente os antigos escoteiros do «85», estivessem presentes. Porém, tal não sucedeu e nem sequer um único antigo escoteiro esteve presente. Porque será isso assim? Não haverá interesse por estas visitas? Nem sequer da parte dos antigos escoteiros do grupo visitado?

Será que quando os antigos escoteiros falam com saudade dos bons tempos da sua vida no grupo de escoteiros, o fazem ùnicamente por função do órgão que se encontra alojado no pescoço e que todos nós chamamos «garganta»?

Q. P.

Eng.º Henrique Carlos Moura

No dia 25 de Julho passado, faleceu este nosso saudoso companheiro, que foi escoteiro-chefe fundador do Grupo n.º 3, do Liceu Pedro Nunes, cargo que desempenhou até ao encerramento daquela unidade, na sua primeira fase, por volta de 1918.

O finado era um dos entusiastas organizadores das reuniões de confraternização dos «antigos» do «3», que ainda recentemente estiveram reunidos na Figueira da Foz.

A Direcção da Fraternal e o «Sempre Pronto» apresentam condolências sentidas à família em crepes.

ACAMPAMENTO DE ANTIGOS ESCOTEIROS E ALMOÇO NO CAMPO

A Fraternal vai organizar um acampamento de antigos escoteiros, quer estes sejam seus sócios, quer não.

Este acampamento realiza-se em conjunto com os grupos de Lisboa, constituindo assim uma excelente jornada de confraternização.

À data da saída do presente Boletim, não podemos fornecer todos os pormenores sobre esta iniciativa, os quais serão dados por meio de instruções dirigidas aos nossos associados. Os companheiros, que não estiverem inscritos como nossos sócios, poderão igualmente receber estas instruções, desde que no-las solicitem, para o que deverão dirigir-se-nos pessoalmente às 3.as e 6.as feiras, na sede da Fraternal, ou, em caso de impossibilidade, pelo telefone 21353.

Como primeiro esclarecimento, informamos que este acampamento se realizará num aprazível local, o Parque de S. Gonçalo, próximo de Carcavelos, tendo sido escolhida a data 13 e 14 do próximo mês de Setembro.

Aos nossos companheiros que não possuam material de campismo, a Fraternal facultará algumas tendas. Dado que estas barracas são em número limitado, as mesmas só serão emprestadas aos nossos companheiros que prèviamente se inscrevam para esse efeito.

Tanto quanto possível, os antigos escoteiros acamparão em local próximo do campo onde se encontrar o grupo a que pertenceram.

Na noite de sábado, haverá um fogo de conselho, durante o qual os escoteiros de agora mostrarão aos antigos as suas possibilidades. Aqueles, por sua vez, farão o possível por dar uma ideia daquilo que sabiam nos seus bons tempos.

No domingo, realiza se a visita ao acampamento de todos os que tenham acampado, e às 12 horas e 30 será servido o grande almoço de confraternização, no qual tomam parte não só todos os elementos acampados como também aqueles que compareçam no acampamento nesse dia. Para esse efeito, os antigos escoteiros, que não estiverem acampados, devem munir-se dos seus farnéis e, para aqueles que o não queiram fazer, haverá uma refeição confeccionada no campo, para o que será necessária uma inscrição prévia.

No programa, também estará incluída uma reunião dos antigos escoteiros para a organização da Secção Campista, havendo ainda à tarde uma festa de campo.

Entre outros projectos, haverá um prémio — uma lanterna de petróleo — oferecida pela Fraternal ao Grupo que melhor actue no fogo de conselho e na festa de campo, e outro prémio igual ao grupo de que compareçam mais antigos escoteiros no acampamento.

Uma sugestão: Preparai o vosso melhor programa para o fogo de conselho e festa de campo e esforçai-vos por que o maior número de antigos escoteiros do vosso grupo esteja presente. Se assim procederes, contribuireis para que uma ou duas lanternas de campo vão enriquecer o património do vosso grupo.

É desejo da Direcção desta Fraternal que o maior número de antigos escoteiros tome parte neste acampamento, a fim de que, todos juntos, possam recordar os seus bons tempos da vida de escoteiros na efectividade. Quem sabe lá se será possível organizar uma corrida de ovos para os antigos escoteiros do «60», uma luta de tracção para os do «50» e uma corrida de sacos para os do «40»?

Atendendo a que, no tempo de rapazes, cada qual era só e que, actualmente, cada um terá que contar com a sua família, a Fraternal convida a que cada antigo escoteiro, que está habituado a acampar com a sua família a leve consigo para esse efeito. Em caso contrário, a presença dela será muito benquista no domingo.

DE QUALQUER FORMA — o que é necessário é que cada antigo escoteiro não deixe de comparecer e de levar consigo a sua família!

* ● *

Os nossos Companheiros

Em continuação da lista iniciada no número passado, publicamos mais os seguintes nomes dos nossos companheiros, inscritos como sócios da Fraternal:

41—Vasco Pires Amoedo
42—João Armando Gomes Alves
44—Henrique Alves Casquilho
46—Aníbal Vieira
47—Luís José Maria Grau Tovar de Lemos
50—João Pedro dos Santos Figueiredo
51—João Patrício de Melo
53—Emiliano Alvarez y Alvarez
54—João Madeira Leitão
55—Mário de Oliveira Gonçalves
56—José Dionísio dos Santos
58—Francisco Figueiredo de Macedo
60—Prof. Aníbal Gonçalves Ramos
61—Eduardo Augusto Rolão
64—António Francisco Marques Xavier de Brito
65—Francisco Militão dos Santos
66—João Lobo Miranda Trigueiros
67—Henrique V. Macedo Alves de Azevedo
68—Joaquim Amâncio Salgueiro Jr.
69—Dr. Alfredo Tovar de Lemos

(Continua)

O nome do nosso companheiro n.º 24 é o Sr. Eng.º José Ferreira Amaro, e não Amado como saiu no último Boletim.

OS NOSSOS PROBLEMAS

SÓCIOS

A nossa Fraternal, aliás como todas as organizações, tem os seus problemas, um dos quais é o escasso número de inscritos como sócios.

No nosso caso, então, isso assume um aspecto muito especial porquanto passaram pelas fileiras do Escotismo muitos milhares de rapazes e no entanto são sócios da Fraternal cerca de 150 antigos escoteiros. Dizemos «cento e cinquenta» e não é falta de qualquer zero à direita do número inscrito.

Será isto justo? Como poderá a Fraternal executar certos empreendimentos, que muitos desejariam ver realizados, com tão escasso número de sócios? Acrescentemos a esta situação o facto de uma quarta parte dos nossos sócios não cumprirem o dever do pagamento das suas quotas. Em rapaz, ouvíamos dizer que UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO, e no entanto verificamos que muitos são esquecidos ou ingratos.

Não podemos concordar com o prolongamento de tal situação e assim apelamos para todos aqueles que, um dia, sendo rapazes, vestiram uns calções e uma camisa, usando um lenço à volta do pescoço e um chapéu de abas largas, se lembrem que foram ESCOTEIROS e que hoje vivendo a recordação desses tempos se inscrevam na nossa Fraternal.

• • o • •

DELEGAÇÕES

Delegado itinerante

Como era nosso desejo, temos já um delegado itinerante, o nosso companheiro David Baudouin.

Este companheiro, de grande dedicação à nossa Fraternal, quando da sua última visita ao Algarve, visitou alguns Antigos Escoteiros, dos quais trouxe a melhor das impressões.

Delegação do Sul

Do Delegado no Sul, companheiro João Trigueiros, recebemos uma carta, que nos leva a crer que a Delegação do Sul irá ter grande movimento.

Veremos se por ocasião das amendoeiras em flor se poderá organizar uma excursão de visita aos Grupos do Algarve e com almoço de confraternização de todos os antigos escoteiros da Região Sul.

Delegação do Norte e dos Açores

Estamos aguardando notícias dos indigitados Delegados destas Regiões sobre o andamento da organização das respectivas Delegações.

NA ROCHA DO CONSELHO

A PROMESSA DO LOBITO

Prometo fazer o Melhor Possível por:

Amar a Deus e a minha Pátria e obedecer às Leis da Alcateia;

Prestar diàriamente um pequeno serviço a alguém.



A Explicação da Promessa

POR BADEN POWELL

Quando alguém promete uma coisa, quer dizer que será culpado se um dia for negligente ou esquecido em a fazer; noutros termos, quando um Lobito promete fazer qualquer coisa, pode-se estar perfeitamente certo que o fará.

Prometo fazer o melhor possível por:

Amar a Deus:

Amar a Deus quer dizer: jamais esquecer Deus. Ele observa tudo o que fazes. Se O não esqueceres, nunca farás nada de mal. Se tu pensares em Deus no momento que vais fazer qualquer coisa de mal, não o farás.

Amar a Pátria:

Sabes que na Alcateia os Lobos obedecem todos ao seu Chefe. O mesmo acontece no teu país, todos os cidadãos respeitam as leis e obedecem aos magistrados. Assim o seu trabalho é bom e saem-se bem, como num jogo, onde os jogadores estão atentos às ordens do capitão da equipa. Se cada um quiser jogar à sua maneira sem regras o resultado será desastroso.

O nosso país será feliz e próspero se cada um «jogar» como deve.

Como Lobito obedeces ao teu Chefe da Alcateia e ao teu Guia de Bando.

Obedecer à Lei da Alcateia:

Cada jogo tem as suas regras. Se «jogarem o jogo» como deve ser, devem submeter-se às suas regras. Nós temos falado de regras e leis do jogo dos Lobitos.

Mas a nossa Lei tem só dois artigos e assim poderás fàcilmente observá-los.

Prestar diàriamente um serviço a alguém:

Deves estar sempre pronto para levar um embrulho, ceder o teu lugar no eléctrico, indicar o caminho a seguir, abrir a porta às senhoras, ajudar as pessoas idosas, os cegos e as crianças a atravessar uma rua, dar de beber aos cavalos ou aos cães sedentos e impedir que roubem os ninhos. É isto e outras determinadas coisas que o Lobito pode e deve fazer se cumpre a promessa de *prestar diàriamente um pequeno serviço a alguém*.

Mas por aquilo que faças não deves aceitar recompensa. Se aceitas dinheiro pelo que fizeste, deixa de ser uma Boa Acção mas um trabalho remunerado.

Se tiveres os olhos bem abertos notarás alguma coisa nos lenços dos Lobitos. Um nózinho no fundo.

Serve para lhes lembrar que ainda não fizeram a Boa Acção.

Quando fizeres a tua Promessa não te esqueças de prestar diàriamente um pequeno serviço a alguém e serás verdadeiramente um bom Lobito.

«MAUGLI — O MENINO LOBO»

II

AS CAÇADAS DE CÁ

O que se vai contar sucedeu algum tempo antes da ida de Maugli para entre os homens. Passou-se quando Balu andava ensinando a Maugli a lei da Selva.

O menino aprendia tudo prontamente e em pouco tempo sabia todos os segredos da floresta.

Maugli sabia subir às árvores, nadar e correr.

Bàguirá, aflita, costumava dizer que aquilo era demais para um menino tão pequeno. Chegara mesmo a zangar-se, quando Balu, como professor, castigara o aluno.

Mas o urso, orgulhoso, chamou Maugli e fê-lo repetir, diante da pantera, tudo o que tinha aprendido.

Perante a inteligência e vivacidade da criança, o mestre sentiu-se vaidoso:

— Aí está — disse ele voltando-se para Bàguirá — o que ele sabe, justifica os castigos que lhe dou. Um dia ele me há-de agradecer. Ele sabe a linguagem das cobras, das aves, de todos os animais e não tem que temer os acidentes.

— E chegarei a ter a minha própria tribo, que guiarei todo o dia pela Selva!

Balu voltou-se sobressaltado com a afirmação do aluno.

O quê?! Maugli, tu estiveste com os Bandarlougue, o povo macaco. Como o menino visse Balu e Bàguirá transformados pela cólera, resolveu contar toda a verdade:

— Sim estive. Quando Balu me bateu, só os macacos me acarinharam, só eles tiveram dó de mim e até prometeram fazer de mim o seu chefe.

— Os macacos não têm chefe — rosnou Bàguirá — Mentiram!

— Foram muito bondosos comigo. Quero e hei-de visitar os macacos outra vez.

Balu aconselhou Maugli:

— Não! Não quero que visites os macacos. Eu ensinei-te a lei da Selva no que diz respeito a todos os animais menos aos macacos. Eles não têm nem lei, nem linguagem, nem chefes. São vaidosos e preguiçosos. Nunca falamos com eles.

Assim que Balu acabou de falar, caiu sobre eles uma chuva de nozes e galhos secos, ao mesmo tempo que um rumor de saltos e guinchos se ouviu.

Eram os macacos, que furiosos com a reprimenda de Balu, se vingavam lançando galhos sobre eles para lhes prenderem a atenção.

(Conclui na página seguinte)

«MAUGLI — O MENINO LOBO»

(Continuação da página anterior)

Maugli, envergonhado, ficou junto dos amigos já sem a intenção de visitar a gente macaca e adormeceu entre as patas da pantera e do urso.

Mas, de súbito, sentiu-se agarrado e transportado no ar.

Balu e Bàguirá já nem tiveram tempo de salvar o seu amiguinho, os macacos, vaidosos, levavam Maugli prisioneiro.

Este, por vezes, receou cair ou ser largado. Começou por lutar, mas depois vendo a inutilidade, começou a raciocinar.

Pensou na maneira de poder comunicar com os seus amigos. No alto, avistou Chil, o abutre e gritou-lhe na palavra dos abutres, em tom agudo:

— Somos do mesmo sangue eu e tu!

Repara a direcção que levo e avisa Bàguirá e Balu. Sou Maugli, o filhinho de homem.

Entretanto Balu e Bàguirá, desesperados lamentavam a sua sorte.

— Louco que fui! — dizia Balu — Porque não te prevenI, meu querido Maugli, contra o povo macaco, em vez de te punir por tantas coisinhas? Ah! mas os macacos têm medo de Cá, a serpente. Porque não vamos procurar Cá?

— Que poderá ela fazer? Não pertence à nossa raça sem pés e com aqueles olhos. Além disso dorme quatro semanas cada vez que se alimenta. Quem sabe se ela estará a dormir?

— Iremos, não importa — continuou Balu.

Cá não tinha na verdade comido.

Saudaram-na. A serpente indagou ao que iam.

Depois de contarem tudo o que se tinha passado, indignaram ainda mais Cá contra os Bandarlougue.

Esfomeada, furiosa, Cá prontificou-se a acompanhá-los, querendo vingar-se das palavras com que os macacos a injuriavam.

Entretanto, Chil o abutre, chegou com novas de Maugli.

— Os macacos levaram-no para as tocas frias na cidade perdida. Balu elogiou o aluno que não esquecera as suas lições.

E os três dirigiram-se para o lugar indicado, a fim de salvar Maugli.

O menino tinha sido conduzido pelos macacos para a cidade perdida, e como nunca tinha visto uma cidade, embora aquela estivesse em ruínas, achou-a maravilhosa.

Os macacos sentiam-se vaidosos ao verem-se admirados.

Maugli, esfomeado, pediu de comer. Os Bandarlougue saíram aos pulos em busca de nozes, mas dispersaram-se pelo caminho e perderam toda a fruta que haviam colhido.

Maugli, colérico, lembrou-se, então que tudo quanto Balu tinha dito àcerca dos macacos era verdade.

Revoltado, tentou fugir. Eles impediram-no e prometeram mais uma vez fazê-lo seu chefe.

Entretanto Bàguirá e Cá, vigiavam ocultos, porque não desconheciam que os macacos em bando são muito perigosos.

Maugli percebeu então que Bàguirá entrara no terraço. Os macacos precipitaram-se para ela enquanto cinco ou seis agarravam a criança e lançavam-na para uma casa em ruínas.

Maugli, depois de ter saudado as serpentes, que ali moravam, na palavra das serpentes, permaneceu imóvel para não as magoar. Cá fora a luta era terrível. O grito de guerra lançado por Balu atroou os ares.

Feridos, Balu e Bàguirá pareciam exangues. Mas Cá apareceu enfim.

Ao seu aparecimento os macacos debandaram aos gritos. A fama de Cá tinha-se transmitido de gerações em gerações.

Cá tirou Maugli do buraco onde se encontrava.

O menino contente por se ver em liberdade, abraçou os amigos, entristecendo-se por vê-los feridos e tão mal tratados. Cá lembrou que era preciso tirar a desforra, e dirigiram-se novamente para junto dos macacos.

Os Bandarlougue aproximavam-se da terrível serpente. Os olhos dela tinham algo de misterioso e terrível.

A dança da fome de Cá começou enfim.

Até o urso e a pantera se sentiam atraídos pela fascinação da serpente. Foi necessário que Maugli os levasse para fora.

O menino estava admirado porque desconhecia o poder da fascinação das serpentes.

Balu então disse-lhe:

— Sofremos muito por tua causa, Maugli. Perdemos tempo, ficámos feridos e perdemos a honra, pois tivemos que pedir auxílio a Cá. Tudo em consequência de teres ido brincar com os infames Bandarlougue. Que diz a lei da Selva num caso destes?

Maugli respondeu:

— Sou culpado! A punição é justa.

A pantera deu-lhe meia dúzia de tapas, dadas com amor. Quando acabou Maugli levantou-se sem uma palavra.

— Agora salta para o meu pescoço, disse Bàguirá. Vamos para casa. Na lei da Selva o castigo acerta tudo, depois dele nenhum ressentimento subsiste. E assim, Maugli, meigamente, foi transportado até à caverna da Mãe Loba.

Condensação por Mariana Saragoça de um capítulo da obra de Kipling, «A Selva».

UM JOGO

O COLAR PARTIDO

Atiram-se pela sala alguns feijões, mas de maneira que não fiquem totalmente à vista. Depois conta-se à Alcateia uma história semelhante a esta:

Já há muito tempo veio a esta sala uma rainha muito bonita e poderosa.

Durante a sua estadia, rebentou um valioso colar e espalhou todas as suas pedras preciosas. Entre estas encontrava-se um raro e valioso rubi.

Os criados da rainha encontraram quase todas as pedras, mas ficaram por achar dez brilhantes e o rubi.

E como os lobitos são uns meninos muito espertos e têm os olhos muito abertos, vão, certamente, encontrá-los com muita facilidade.

Material

10 feijões brancos.
1 feijão encarnado.

Nota:

Cada feijão representa uma pedra preciosa e conta um ponto. O feijão encarnado representa o rubi, marca cinco pontos. Ganha o Bando que juntar o maior número de pontos.

O HOMEM

O Homem que venceu na vida é aquele que viveu bem; riu muitas vezes e amou muito; que conquistou o respeito de homens inteligentes e o amor das crianças; que preencheu um lugar e cumpriu uma missão; que deixa o mundo melhor do que o encontrou, seja com uma flor, uma poesia perfeita ou o salvamento de uma alma; que procurou o melhor nos outros e deu o melhor de si.

STEVENSON

PROVAS DE 1.ª CLASSE

O CORPO HUMANO

pelo Esc.-Chefe ANÍBAL RAMOS
Professor de Educação Física (I. N. E. F.)

13—*Noções elementares sobre o corpo humano.*

I
GENERALIDADES
(Continuação)

Muitos de nós somos unânimes em crer: que a estrutura animal se forma sòmente do conjunto de tecidos, órgãos e líquidos apoiados no esqueleto; que este é constituído por 208 ossos, devidamente articulados entre si, na sua posição natural; e que cada órgão reage de modo específico, sem a mínima dependência uns dos outros.

Todavia, a verdade afasta-se muito de versão tão singela. Quando afirmámos a complexidade do ser vivo, já o havíamos dito.

Por resultados obtidos em estudos recentes, sabe-se que qualquer alteração produzida num órgão se reflecte nos restantes, modificando-lhes as funções. Consequentemente, a interdependência da actividade orgânica impõe-se como centro indivisível e único gerador do pensamento e da acção.

De facto, o nosso corpo só permanece com saúde plena, quando todas as partes que o compõem se encontram sãs e laboram em completa harmonia. O produto do trabalho efectuado por cada uma, tem de se ligar tão intimamente ao das restantes, como a células do mesmo tecido entre si. Demonstra-o exuberantemente o que expomos nas linhas seguintes.

A escrita destas provas de primeira classe jamais poderia ser feita, se a memória e a inteligência não auxiliassem o cérebro na descriminação das ideias, fornecendo-lhe a cada instante novos elementos, gérmens do pensamento.

Também os olhos e os músculos, além de outros de maior complexidade como o sistema nervoso, tiveram de actuar na sua composição. E decorrido algum tempo após o início dela, já todo o corpo se ressentia de fadiga:— impressão penosa de cansaço geral, causada pela acumulação na massa neuro-muscular de toxinas e detritos resultantes da destruição de matéria viva. Produziu-a a combustão lenta mantida nos músculos durante o esforço criador do citado trabalho, suposto por alguns, erradamente, de índole exclusivamente intelectual.

Cooperação idêntica verifica-se sempre que as mãos guiam o arado ao abrir os sulcos na terra, lançam-lhe a semente, fazem a colheita dos frutos nascidos e os conduzem à boca, sem o que morreríamos de inanição; moldam as ferramentas, auxiliares preciosos na construção de todos os objectos indispensáveis à vida, sem o que o sofrimento humano seria perpétuo; ateiam o fogo, fonte e manutenção perene da criação, sem o que todo o poder do homem ruiria inexoràvelmente.

Pelo que fica exposto, vê-se claramente que os órgãos dos sentidos têm a função de transmitir ao cérebro, através dos nervos, as impressões recebidas do exterior, e este de comandar através o raciocínio e a vontade, os músculos e tendões que, por sua vez, accionam os ossos nas suas articulações, tornando possível a realização do movimento coordenado.

Todavia, a quantidade de elementos citados até aqui, está muito longe de abranger a totalidade dos mobilizados por animais superiores na efectivação de qualquer acto, por mais simples que pareça.

Mesmo elementares, a sua efectivação envolve número considerável de fenómenos físicos e psíquicos. Mas como a natureza deste trabalho não aconselha desenvolvê-los, passaremos a outro capítulo.

II
DESCRIÇÃO

1.º — A célula.

Nos tempos, tão saudosos como recuados, em que actuávamos no Escotismo, os grandes grupos eram constituídos por divisões e estas por patrulhas que, por sua vez, se formavam de escoteiros cadetes, juniores ou seniores.

A actividade que exerciam, quer fosse individual, quer de conjunto, jamais se afastava do bem comum, da obediência fraternal à orientação superior dos Chefes e do integral cumprimento da Lei.

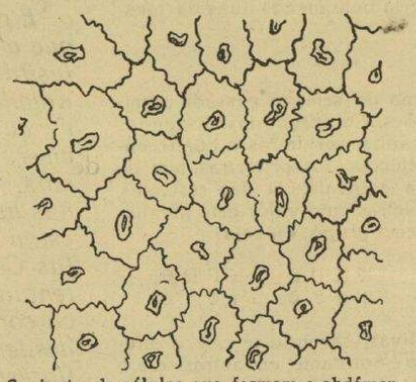
Embora os centros de interesse pedagógico, em redor dos quais se ministrava a instrução, diferissem grandemente na técnica própria às diferentes divisões, a verdade é que os fins educativos, se bem que devidamente adequados a cada idade mental e física, convergiam todos para a meta comum, ora se tratasse de lobitos, ora de escoteiros ou caminheiros.

O valor da colectividade, isto é, o seu rendimento formativo, utilidade social, crescimento e duração, reflectiam, como espelho de bom cristal, o porte, a saúde, poder de iniciativa, força física e de vontade, conduta psíquica e moral dos seus educandos. Pode mesmo dizer-se que a vida destes corpos associativos, mais não era que o somatório das vidas dos seus componentes. E estes, fossem considerados como pessoas ou células escotistas, seguiam por igual as leis naturais da vida: nasciam, viviam, cresciam, reproduziam-se e morriam para aquela benéfica instituição.

Apesar de o escoteiro ser a unidade mais simples da Associação, quero dizer, a sua pequenina célula, nele residiam todos os elementos vitais que lhe davam o poder enorme de irradiar de si a própria vida ou morte do seu grupo.

Mas nem só de células vivas se constituem os corpos, sejam sociais ou animais. Há neles a existência de muita matéria morta com funções tão importantes que, sem ela, nada verdadeiramente útil seria possível manter-se. No Escotismo representam-na, entre outros, os fardamentos e equipamentos especialmente de cozinha, barracas, aparelhos de observação, utensílios de primeiros socorros, etc.

Tudo se passa de modo análogo no corpo humano. De facto, ele é formado por vastíssimo sistema de pequeninas vidas, chamadas células, das quais muitas se encontram implantadas em matéria inerte, que em tudo se comportam de modo semelhante às unidades escotistas e material referido.



Conjunto de células que formam o abdómen

Para possuirmos uma ideia muito vaga da sua morfologia e composição, teremos de nos recordar dum favo de mel. Notaremos que é constituído em séries de partículas de forma regular dessa substância, separadas umas das outras por finíssimas paredes de cera, formando espécie de caixinhas. A estas é que Hooke denominou células, quando empregou o microscópio na análise de seres vivos, o que se fez pela primeira vez em 1667.

Se desejarmos formar opinião menos grosseira sobre elas, teremos ainda de substituir o mel por uma substância viva, transparente, chamada citoplasma e no centro desta, colocar-lhe o núcleo flutuando nela. Posteriormente deu-se o nome de célula não à caixinha, mas ao conteúdo, designação que se mantém.

Nem todas possuem as mesmas formas e tamanhos. Conhecem-se chatas, redondas, cúbicas, estreladas e estriadas em filamentos ou fibras. No corpo humano há mais de cinquenta espécies diferentes.

Se exceptuarmos a gema do ovo, a maior célula conhecida, todas possuem dimensões microscópicas. Contudo, contêm no seu corpo, tal como o escoteiro, todas as propriedades que caracterizam a vida: nutrição, respiração, movimento, reprodução, etc. O seu número é enorme. Para se poder fazer uma pálida ideia, basta acrescentar que a quantidade de células existente num homem de tamanho médio, pode ser representada pelo número astronómico de um quatrilião que, em algarismos se escreve:

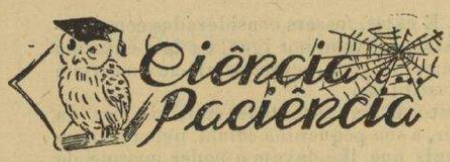
1.000.000.000.000.000.

(Continua)

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS



QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA



PROBLEMA DIFÍCIL

O sr. Mendes é uma pessoa muito fatalista. Uma noite da semana passada, quando se preparava para ir a um concerto, ao abrir uma gaveta da cómoda para escolher um par de peúgas, houve uma avaria na central eléctrica e ficou às escuras. Ora ele sabia que naquela gaveta estavam 4 peúgas cinzentas e 6 peúgas azuis misturadas. Qual era a quantidade mínima de peúgas que ele precisava de tirar da gaveta para ter a certeza de que teria pelo menos duas da mesma cor?

* * *

O problema da semana passada admitia duas soluções. Os preços das três tendas estavam indicados por letras e conhecendo-se a equivalência das primeiras, tem de se descobrir a equivalência das restantes, apontando as letras cujo valor está identificado no primeiro grupo, ou seja:

K V C F	K K H F	K F R F
1 2 8 0	1 1 ? 0	1 0 ? 0

Por tentativas, sabendo-se que a diferença de preço é constante, encontrar-se-á o valor de *H* e de *R*, o que dará os preços de:

1.280$,	1.170$	e	1.060$
ou 1.280$,	1.160$	e	1.040$

Enviaram-nos soluções certas os seguintes dedicados leitores:

Sr. José Cordeiro Teixeira, de Coimbra — 5 pontos.

Sr. José Manuel de Jesus Fernandes, V. R. St.º António — 5 pontos.

Sr. António Amêndoa, de Lisboa — 5 pontos.

Regras do Jogo

(Conclusão da página 4)

gras a que todos os participantes se submetem inteiramente. As regras constituem a Lei do Jogo e o Escoteiro tem por desonra e deslealdade iludi-las ou ignorá-las.

O escoteiro, ao participar num jogo, deseja intensamente sair vitorioso e emprega todo o esforço e habilidade em ganhá-lo. Para isso, faz uso de todas as habilidades, emprega o seu engenho, a sagacidade, a tenacidade, a força, mas só se considera vencedor se as regras do jogo tiverem sido escrupulosamente observadas.

O Escoteiro não precisa de árbitros do jogo. O árbitro é ele próprio. Se o jogo é de olhos vendados, não carece de venda porque ele fecha os olhos. Se é necessário conservar as mãos atrás das costas, não é necessário vigiá-lo, porque ele conservará as mãos atrás das costas. Sejam quais forem as regras a observar, o Escoteiro será o participante do jogo e o próprio fiscal, porque *O Escoteiro é verdadeiro e a sua palavra é sagrada.*

Ainda a palavra escoteiro...

Nas colunas do «Diário do Minho» tem sido também travada discussão sobre a ortografia de escoteiro com «o» e com «u». Já em tempos aqui transcrevemos um artigo do sr. Constantino Coelho sobre o assunto. A esse artigo retorquiu outro antigo dirigente do C. N. E., explicando as razões por que tinha sido escolhido o termo «escuta» pelos dirigentes daquela associação. Agora o sr. Constantino Coelho volta à liça e do seu artigo recortamos, com a devida vénia, os seguintes trechos:

(...) *Mas já se disse acima que o pomo da discórdia fora o vocábulo escoteiro, assim escrito com o. É pueril qualquer oposição, porque a palavra pertence ao idioma lusitano, tem a sua acepção própria, e ainda que fosse arcaica, o que não é, qualquer escritor a poderia reviver, tal como pode criar neologismos, se o fizer dentro do génio e dos usos da boa linguagem. Aqui estou eu, que já pus a bailar ninfas Celenides e Nebíades, e estou tentado a fazer entrar na mitológica coreia as driades Caprarianas, desde que o senhor engenheiro da floresta me povoou de suaves sombras a escalvada subida de Santa Maria dos Anjos nesta serrania rossaniense.*

Ora escoteiro significava, para os portugueses da era clássica, diligente, desembaraçado, desimpedido. Assevero, e algum tempo podia prová-lo com certidão, que com esta significação foi usado em documentos oficiais: o contexto exige este significado. Certa Câmara julgou necessário enviar à capital uns documentos; foi escolhido determinado cidadão, que, segundo informou o proponente, era muito sério «e escoteiro».

.....

Mas é que não se trata, creio eu, de saber significados ou sinonimias de escuta, como palavra portuguesa que exprime a ideia de espião ou explorador. Da palavra, porque da ocupação pode ir remontando até Moisés que enviou escutas a informar-se da qualidade, cidades, fortificação e habitantes da Terra Prometida, como se vê nos livros dos Números e do Deuteronómio. Sempre a ignoratio elenchi.

Do que se trata é de bem diverso tema. É de saber se a palavra escoteiro é, ou não, português legítimo; se pode ou não ser usada no século XX, com a mesma acepção com que foi usada no século XV. O meu ilustre contraditor nega, pelo menos na prática, pois me contraria por isso; e eu, teimosamente, continuo a escrever escoteiro, quando o vocábulo é apropriado, e continuarei, se Deus me der vida e saúde, sempre que as circunstâncias o exijam. Até, veja como sou impenitente!, tenho uma epístola em verso, preparada para a devida oportunidade, — aniversário — na qual reincidindo no superlativo de há onze meses, digo aos amigos do Clã de N. Senhora do Sameiro, que um Padre, do qual serão futuros colegas: era, sem ser escuta, escôteiríssimo. (...)

O Sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional tem Fé na Juventude

Em 22 de Julho, e por motivo da passagem do 3.º aniversário da sua posse, o sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional, recebeu os cumprimentos dos representantes das organizações juvenis de Portugal. O «encontro», como o sr. Subsecretário chamou àquela reunião, realizou-se no seu gabinete de trabalho.

Depois de o Sr. Dr. Joaquim Romão Duarte, Comissário Nacional adjunto da Organização Nacional «Mocidade Portuguesa», haver lido um discurso de cumprimentos e de os srs. D. Paulo de Lencastre, pelo CNE, e Comodoro Daniel Duarte Silva, em nome da AEP, terem apresentado os seus cumprimentos e os seus agradecimentos por gentilezas e favores dispensados, usou da palavra o Sr. Subsecretário de Estado, que, num brilhante improviso, fez judiciosas considerações àcerca do problema da educação da juventude, dizendo que muito se fala na crise da juventude, mas ele entende que existe, sim, uma crise nos adultos, que em relação ao problema da educação dos jovens deviam fazer o seu exame de consciência e batendo no peito pronunciarem o «mea culpa, mea culpa». Por vezes, ao ouvir criticar e exigir-se que mais se faça, dá-lhe ganas de perguntar às entidades que mais deveriam ajudá-lo na resolução desse problema o que elas têm feito ou estão fazendo em benefício da juventude. A Igreja e a Família, tal como a Escola, têm o dever de cooperar e sem a sua ajuda pouco realmente se pode avançar. E a terminar, e depois de agradecer os cumprimentos e de considerar aquele encontro fortuito como desejo de todos cooperarem com ele corajosamente, e desinteressadamente, fez o elogio da juventude, na qual, disse, continua a ter fé.

Oxalá todos os presentes, e estavam ali os principais dirigentes das organizações juvenis, tenham entendido as bem sentidas e bem claras palavras daquele membro do Governo e se ponham de facto em condições de dispensar a colaboração que como homem de Estado, que tanto se tem debruçado sobre os problemas que interessam à educação integral da juventude do nosso país, bem merece que se lhe preste, devotadamente e desinteressadamente.

• • o • •

Recordações do JAMBORI DA ÁUSTRIA

O Eng.º Frederico Kreindl, poliglota notável, que fala e escreve correctamente o português, foi um bom amigo ganho no Jambori de 1951 na Áustria. Em 28 de Junho passado, teve a gentileza de nos enviar a seguinte saudação:

Queridos amigos:

Estando de passagem em Bad Ischl, onde tive na ocasião do Jamboree Austríaco a sorte de fazer o amável conhecimento de tantos portugueses, mando-vos as minhas mais sinceras saudações. Sempre Pronto!

Vosso

Linz — Áustria a) FREDERICO KREINDL

Agradecemos e retribuímos tão gentis saudações, recordando os saudosos dias vividos naquele tão belo país em 1951.